

*Maria
Helena
Mira
Mateus*

UMA VIDA
CHEIA DE

pAlarvas



Edição: Edições Colibri, março de 2018 · isbn: 9789896897475

A Associação de Professores de Português (APP)

Será porque eu valorizava a função social das Faculdades de Letras que tanto me preocupava o destino profissional dos seus estudantes? Ou simplesmente porque o trabalho de professor de língua materna (natural destino profissional dos muitos alunos de Letras) não é apenas uma forma de receber um salário mas um modo aprendido de estar com os outros, de lhes transmitir o nosso conhecimento da vida das palavras, e de nós próprios no interior dessa vida? Fosse um qualquer destes motivos, em 73 e 75 colaborei num projeto de articulação vertical de programas de português e, durante a mesma época, na elaboração de um programa de português para o ensino primário (em conjunto com a Bernardete que se mudou para outras paragens). Além disso, ia participando como podia nas ações de formação inicial e contínua de professores do ensino secundário. Nas muitas conversas em que abordávamos o trabalho profissional dos licenciados da Faculdade de Letras (problemas comuns a professores universitários e não universitários) sentia-se que era imprescindível criar uma Associação em que os professores dos vários níveis de ensino tomassem a palavra e pudessem apresentar publicamente as suas dúvidas e problemas. Assim se abriu espaço para a criação da Associação de Professores de Português (APP)⁵⁰. Gostava de mencionar alguns dos que estiveram desde o início neste grupo, embora sob pena de a minha memória não os recordar todos. E foram: a Isabel Faria, a Mercês Moita e a Emília Amor, o André Eliseu, a Maria José Ferraz, a Maria de Lourdes Marcelo, a Maria Henriqueta Costa Campos, a Lourdes Crispim e a Dulce Rebelo. Estavam empenhadas

⁵⁰ Esta apresentação faz parte da entrevista que me fez o Paulo Feytor Pinto e que foi depois publicada na Revista *Palavras*, órgão da APP.

na mesma finalidade pessoas da Faculdade de Letras de Lisboa e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Nova, e professores do ensino não superior.

A primeira reunião informal realizou-se na Faculdade de Letras de Lisboa, no Outono de 77, aproveitando a vinda a Portugal do professor Jean-Claude Chevalier e do professor Peytard, este último um dos autores do livro que todos os professores de português conheciam e que se chamava, na tradução publicada pela Almedina, *Linguística e ensino do português*. A mulher de Jean Claude Chevalier era ao tempo a presidente da Associação de Professores de Francês em França, e nós procurávamos então alguma informação sobre uma experiência congénere da que estávamos a tentar levar a efeito. Essa reunião informal precedeu de perto a criação da APP, em Dezembro de 77. A primeira direção foi eleita no início de 78 e nela entrei eu como presidente e a Mercês Moita como secretária. A Mercês manteve-se como secretária durante a direção presidida pela Isabel Faria, eleita em 80. Em 84 a direção passou para a Lúcia Lepecki e em 88 para o Aldónio Gomes. A Maria José Ferraz foi presidente de 93 a 97 e nessa ocasião também faziam parte da direção a Mercês e o Paulo Feytor Pinto. O Paulo foi presidente na direção seguinte, quando terminou o seu mandato entrou a Edvigas e a Filomena Viegas que ainda lá estão e que festejaram os 40 anos da APP.

No início da vida da APP não tínhamos dinheiro e conseguimos que o Centro de Reflexão Cristã dirigido pela Manuela Silva (minha amiga dos tempos em que era presidente da JUC) nos cedesse uma sala nos fundos do corredor de um apartamento que o Centro tinha alugado no número 61 da R. Castilho, em Lisboa. Aí a APP passou a ter possibilidade de se reunir para as suas primeiras iniciativas que foram, como se pode imaginar, entrar em contacto com as escolas de todo o país e dar a conhecer que existíamos. Lembro-me muito bem de estar lá com a Inês, minha filha, e com muitos dos que atrás mencionei, trabalhando na concretização da Associação. Aí escrevíamos circulares (na máquina *Hermes Baby?*), mandávamos cartas, colávamos selos e preparávamos reuniões que se realizavam depois na Faculdade de Letras. Quando o Centro de Reflexão Cristã não pôde mais albergar-nos, alugámos um quarto num apartamento próximo. A direção da APP tinha então uma secretária preciosa, a Alda Carinhas. Vivemos alguns anos num espaço

cedido pela Câmara, no Bairro da Liberdade, e só bastante mais tarde encontrámos na ESE de Lisboa um local onde permanecemos durante bastante tempo.

A APP veio ao encontro de preocupações e desejos que tinham sido explicitados em várias circunstâncias por professores de português. Também decidimos, em dezembro de 78, publicar o primeiro número de uns *Cadernos* com que tencionávamos “difundir em policópia textos científicos e pedagógicos, acompanhados, sempre que possível, de referências bibliográficas, o que considerávamos um meio eficiente e económico de concretizar um dos objetivos da APP: dar apoio aos professores de português no exercício da sua profissão”. O Caderno nº 1 seguia-se à conferência que Jean Peytard tinha proferido na Faculdade de Letras sobre “O oral e o escrito”, tema tratado de um ponto de vista didático. É imenso o percurso da APP desde esse primeiro Caderno até à ótima revista *Palavras* cujo primeiro número foi publicado em 1980. Desde então em diante o João Pedro Aido tem cuidado da *Palavras* e é sempre um prazer folheá-la. Em 1993, a partir da eleição da Maria José Ferraz como Presidente da Direção da APP, o Paulo Feytor Pinto aparecia frequentemente na televisão para chamar a atenção sobre a *Associação de Professores de Português*, sobre os próprios professores e sobre questões do ensino da língua. Também me lembro de ter colaborado em ações de formação no âmbito da APP em 80 e 85 e, mais proximamente, numa ação de formação de professores na Escola Superior de Educação de Lisboa. Até aproveitei o programa FOCO para, em 1993, iniciar os futuros professores no estudo dos sons (ou seja, como sempre, na fonologia) do português.

Entretanto a minha colaboração com a APP tomou muitas vezes a forma de Conferências e Comunicações a convite como sucedeu em 1985, no “Encontro sobre Ensino Superior e Formação de Professores” na Universidade de Aveiro e nesse Encontro apresentei uma comunicação. Dez anos depois, em 1995, no “Primeiro Encontro Nacional da Associação de Professores de Português – O Português, língua dos nossos projetos” realizado no Estoril, proferi a conferência inaugural sobre “O Português: memória coletiva, vivência do futuro”. E sem resistir mais à chamada de atenção para o estudo dos sons, em 2008, no 7º congresso da APP, apresentei uma conferência sobre “A contribuição do estudo dos sons para a aprendizagem da língua”.